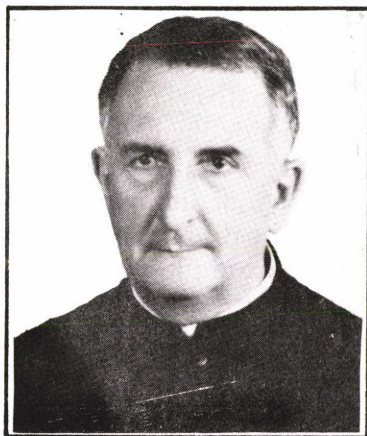


Missão Salesiana de Mato Grosso
Inspetoria de Campo Grande

Padre João Pian



Há pessoas que passaram pelo mundo e o único marco que deixaram foi o da bondade. Cristo escreveu uma só vez e essa, sobre a areia, mas dele se disse: *"Fez bem todas as coisas"*.

Padre João Pian não escreveu nenhuma obra - dir-se-ia um sacerdote com o mínimo necessário para exercer o ministério - não tinha títulos, não era bom matemático e ele mesmo confessou que, se não fosse por bondade dos professores nessa matéria, jamais teria terminado seus estudos... Entretanto foi o sacerdote mais completo que conheci, sem menosprezar outros grandes salesianos que viveram ao seu lado, com essa mesma grandeza sacerdotal, sem esses títulos, ultimamente tanto exigidos, fazendo-se mais questão da ciência do que da santidade.

Qual a virtude na qual mais se distinguiu? Sua castidade, cópia fiel da de D. Bosco, sua obediência tranqüila e em certas ocasiões até heróica, sua pobreza sem um deslize, unidas a uma bondade sem igual, fizeram dele um verdadeiro sacerdote e um maravilhoso salesiano.

No seu epitáfio não caberia melhor elogio do que aquele com que foi presenteado o servo de Deus P. Rinaldi: *Al buon Padre* .

Conheci padre Pian como criança; quando chegou a Corumbá, ele sempre repetia: *8 de dezembro de 1927* . Analisei-o entusiasmado com os olhos e sentimentos infantis. Admirei-o como jovem, foi meu catequista e diretor, dediquei-lhe filial afeto como clérigo e como sacerdote.

Foi principalmente o apóstolo das vocações, não só sacerdotais e religiosas, mas o semeador da vida cristã, fazendo com que muitos jovens de gênio difícil e até perigoso se tornassem exemplares pais de família e modelares cristãos.

Quando esteve em Silvânia, antiga Bonfim, criou, além das tradicionais três divisões, (grupos de alunos com idade equivalente), também a divisão dos aspirantes (alunos que nutriam simpatia à vida religiosa). Essa sua dedicação às vocações valeu-lhe a “*expulsão*” de Goiás, pois o arcebispo achava que o padre Pian lhe arrebatava as vocações diocesanas... e nenhum sacerdote naquele estado deu maior amparo a essas vocações do que ele. Nunca instigou a vocação, mostrava sua beleza, dava o exemplo e era natural que os alunos quisessem pertencer à mesma Congregação dele.

O Colégio Santa Teresa de Corumbá, fundado em 1899, foi encontrar nele o garimpeiro que conseguiu as primeiras vocações corumbaenses após mais de 40 anos. Mantinha um oratório festivo a que chamavam de “*Peixe Frito*”. Atendia a uma turma de jovens, também à noite, com seu grande sacrifício, e muitos meus colegas declararam: *Se o padre Pian não tivesse saído tão cedo de Corumbá, eu seria hoje sacerdote salesiano*.

Pe. Luís Garcia de Oliveira, que foi seu colega na Crocetta, admirando o seu zelo, dizia que ele costumava colocar dentro da casca de nozes um bilhete com um pensamento piedoso que impressionava muito os jovens que o tiravam.

Leiamos o que escreveu de si mesmo.

Dados sobre a minha vida.

Meu pai chamava-se Valentino e minha mãe Virgínia. Eram pobres, mas bons cristãos. Meu pai, de vez em quando, se zangava porque não conseguia trabalho e não ganhava nem o necessário para viver. Em casa não havia luxo, mas muita pobreza. Muitas vezes faltava o pão e a polenta era pouca. Minha mãe era muito piedosa, ótima cristã, e nos habituava à oração e à vida de união entre os irmãos. Éramos dez entre todos; quatro faleceram pequenos e os outros cresceram no santo temor de Deus. Minha mãe tinha um grande desejo de ter um filho sacerdote. Rezava muito com essa intenção e grande foi a sua alegria quando nasci (20-04-1898) depois de três anos de matrimônio. Em 1910 disse-lhe que desejava ser sacerdote, mas ela nada fez para me animar, pelo contrário, tinha sempre receio que eu quisesse seguir esse caminho, para agradar-lhe. Entretanto quando, por meio do pároco, consegui um lugar no Instituto S. Luís de Gorizia, ela fez tudo para dar-me o neces-

sário e completar o enxoval, chegando até a pedir esmola, para conseguir meios. Passei dois anos e meio nessa casa, transferindo-me depois para o Seminário Arquidiocesano. Ali fiz a 4ª e 5ª ginásial. Depois veio a guerra. Fomos obrigados a refugiar-nos em Trieste, onde frequentei a 6ª. Desejo aqui agradecer à família do Sr. Valentino Robin, que me ofereceu guarida e refeições, por caridade, em sua casa, juntamente com a tia e nora, também prófugas. Em 1916 fui convocado para as armas: era o dia 11 de maio. Segui com os demais para Redkersburg na Stiria. Dormimos naquela noite e mais duas numa estrebaria sobre um pouco de palha. Fazia muito frio. Depois fui transferido para Lacar em Lebring (Stiria). Com outros companheiros fomos enviados para trabalhar perto de Pola.

Permaneci lá pouco tempo porque peguei a malária com outros 10 companheiros e todos tivemos que voltar para Lebring. A febre era sempre muito alta e intermitente. Ficamos ali mais de um ano. Duas vezes recebi os Santos Óleos pois passei realmente muito mal, a ponto de um dia o médico ficar maravilhado ao encontrar-me ainda com vida. Dos dez companheiros somente eu escapei. Depois de um ano, fui transferido para o hospital de Graz, onde aos poucos entrei em convalescença. Nesse tempo era grande a fome na Áustria. Nós, os doentes, não tínhamos nem a cápsula (uma mistura fina de trigo) para tomar o quinine.

Em 1918 o nosso regimento foi transferido para Izekestnker na Ungria. Era o mês de agosto. No dia 4 de novembro de 1918 veio a notícia da anistia e pudemos voltar para casa. A nossa região estava repleta de soldados que voltavam do Piave. Em 1919 permaneci em Gorizia esperando a abertura do seminário. Foi um ano muito difícil para mim, pois se apresentava o problema da minha vocação. Sempre acalentei o chamado para o sacerdócio, e foi este pensamento que me salvou de tantos perigos durante o serviço militar. Ficava porém, um problema: se devia tornar-se padre diocesano ou entrar em alguma congregação. Não me sentia chamado para os serviços paroquiais e não sabia em que ordem ou congregação ingressar. Invoquei o auxílio da Virgem e, por seu intermédio, simpatizei com a congregação salesiana. Eu amava D. Bosco, mais jamais quis fazer-me salesiano, também porque nunca ninguém me havia convidado para tanto. Um dia, enquanto estava limpando as escadas do Instituto S. Luís, encontrei-me no andar onde se achava um quadro de D. Bosco. Parei diante do quadro, olhei-o cheio de fé e confiança e disse esta oração: *D. Bosco, o que devo fazer? Dize-me?*

Senti, então, no meu íntimo, como um convite: *Vem comigo, terás pão, trabalho e paraíso*. Desci ao pátio e, coisa estranha, o padre catequista, que nunca me falara a respeito de vocação, aproximou-se e me disse: *Por que não te fazes salesiano?* E eu perguntei: *O que devo fazer?* Ele respondeu: *Basta falar com o padre diretor*. Falei com o diretor, ele com o inspetor e, no mês de novembro, eu era aceito para o noviciado. Voltei à minha vila para falar com meus familiares. Da parte de minha mãe não encontraria dificuldades. De fato, ela ponderou: *Se esta é a vontade de Deus vá e que o Senhor te abençoe*. Parecia-me que meu pai teria apresentado alguma dificuldade. Ele tinha participado ativamente da guerra, estava envelhecido e muitas vezes me dissera que quando eu fosse pároco em alguma aldeia, então ele poderia viver tranquilo e assim preparar-se para o seu fim. Quando terminei de falar com minha mãe encaminhei-me para encontrar-me com ele, que voltava do campo com a enxada sobre os ombros, e lhe disse: *Como vai, caro pai? Como estás vendo estou cansado e velho. Escute papai, tenho uma coisa a lhe dizer e é isto: tenho rezado muito e pensado muito, e estou convencido de que não me sinto chamado para ser pároco, mas desejo ser salesiano e missionário*.

Então ele me olhou no rosto e disse estas textuais palavras: *Deus te chama, vá e sê abençoado*.

Caí das nuvens. Meu pai, naquele momento, não fez nenhuma dificuldade, não me pediu que olhasse a sua idade, sua necessidade de descanso. *Obrigado, querido papai, que o Senhor o recompense e abençoe*.

Assim com a bênção de meu pai e de minha mãe segui para o noviciado, que iniciei no dia 4 de janeiro de 1920. No dia 2 de fevereiro de 1921 fiz minha profissão trienal. E daí para diante começou minha vida salesiana.

Em 1952, quando completei 25 anos de sacerdote fui rever minha mãe na Itália. Quando me despedi ela me disse: *Agora que me falaste de estar satisfeito com o teu estado sacerdotal e missionário, morro contente, porque sempre tive receio que te tivesses feito sacerdote **per fare piacere a me***.

Minha mãe faleceu em 1956 com o coração satisfeito, enviando-me a sua bênção. Não tive mais o prazer de vê-la aqui, espero encontrá-la com o pai no paraíso.

Estas memórias escritas com a simplicidade própria do padre Pian, mostram seu coração bondoso, simples e puro como o de uma criança.

Padre Pian foi o diretor. Não aquele preocupado só com as aulas,

com a administração e a parte externa do colégio; foi o diretor que olhou especialmente os salesianos e os alunos. O colégio para o padre Pian não era o prédio: eram as pessoas que o compunham. Para ele realizaram-se plenamente as palavras de Cristo: *Buscai primeiro o reino de Deus e a sua glória e todas as outras coisas vos serão dadas em acréscimo* .

E que união conseguia entre os salesianos e os alunos, especialmente os mais difíceis, para os quais fazia tudo e conseguia recuperá-los e recuperou muitos.

A devoção que colocou no coração desses alunos a Nossa Senhora e a Dom Bosco foi coisa fora do comum. Muitos, já adiantados em anos, ainda rezam suas orações no Jovem Instruído e conservam sobre a sua mesa de trabalho e à cabeceira de seu leito a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora. Os alunos de Goiás, onde passou a maior parte de sua vida como diretor (Silvânia e Goiânia), conservam, sem fanatismo, quase o mesmo entusiasmo que aos nortistas despertou o padre Cícero. Para os goianos padre Pian marcou uma época. Época que seus ex-alunos lembram com saudade, carinho e amor. Para muitos ele foi mais do que um pai. Nunca nenhum aluno viu o padre Pian zangado, jamais uma palavra forte, irônica, ofensiva. O culpado ficava diante dele, que dizendo "*sim senhor*" e sacudindo a cabeça o fitava nos olhos. Não só crianças, mas muitos jovens com mais de 20 anos, como eram vários alunos internos de Silvânia, abaixavam os olhos e recebiam com gratidão os conselhos que seu coração bondoso era pródigo em distribuir.

Chegamos a perfazer onze clérigos em Silvânia. Nas férias ele nos reunia. Vários alunos permaneciam no internato e formávamos uma verdadeira companhia, também de teatro, e percorríamos as principais cidades de Goiás daqueles tempos: Anápolis, Pirenópolis, Jaraguá, Corumbá, levando a alegria salesiana. Pela manhã as igrejas ficavam cheias de fiéis, que participavam das missas. Aos domingos, nas missas cantadas o povo afluía em grande quantidade e também nas vésperas. À noite representávamos as nossas peças teatrais com os salões repletos.

Certa vez em Pirenópolis tivemos a *grande honra* de contar, entre os assistentes, com a célebre *santa Dica* , uma das tradicionais *santas* brasileiras sertanejas, que se deslocou de 5 léguas para assistir ao teatro, acompanhada de seus 40 capangas, todos pacificamente adornados com um lindo punhal de palmo e meio de lâmina e dois históricos trabucos, enfeitando a quaiaca prateada, alguns até com três canos, armas antigas mas prestativas, de constituição delicadíssima

prontas a vomitar por qualquer indisposição.

Na volta de uma dessas incursões matricularam-se 60 alunos internos de Anápolis. A alegria reinava no Anchieta onde se tiravam 120 litros de leite, extraía-se mel de mais de 200 colméias, colhiam-se todos os frutos da região, podendo-se dizer, sem exagero, que nele corria leite e mel. Ao lado de toda essa fartura, achava-se o coração carinhoso do pai, o verdadeiro salesiano, que deixou, daqueles anos, as mais gratas recordações aos salesianos, aos alunos e à cidade.

Seu trabalho também em Goiânia foi extraordinário especialmente coincidindo com a fundação da cidade da qual foi também um dos pioneiros. O governador Dr. Pedro Ludovico, fundador da nova capital, e sua esposa nutriam uma verdadeira adoração para com o padre Pian. O trabalho desenvolvido por esse humilde e escondido João de Deus não cabe numa carta mortuária.

Creio que poucos salesianos se achavam tão bem preparados para a morte como ele. Quando completou 33 anos de idade, preparou-nos a nós alunos, para a sua morte, porque iria morrer com a idade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Passando essa data foi arrumado outras, que sempre caducaram, antecipando, por isso até as suas bodas de ouro sacerdotais.

Ordenado em Turim aos 10 de julho de 1927 teve o seu primeiro campo de apostolado no Oratório S. Paulo, daquela cidade.

Narra ele: Em 1927, encontrando-me por ocasião da festa de S. Paulo em Turim, fui convidado a ir com o padre Rinaldi ao bairro de S. Paulo, onde existia o oratório homônimo. Lá, depois do almoço, padre Carrá dirigiu-se ao padre Rinaldi, que estava sentado à sua frente, e pediu que enviasse ao Brasil o diácono Giovanni Pian. Padre Rinaldi voltou-se para mim e disse estas paternais palavras: *Sim! Sim! Manda-lo-emos ao Brasil e também o nomearemos diretor*. Ante essas palavras comecei a rir pois nunca pensei em ser diretor. Nesse ínterim encontrei-me sozinho com o padre Rinaldi em três ocasiões diferentes, e em cada uma delas ele me disse: *Campo Grande, Campo Grande! Diga ao seu inspetor que faça tudo por Campo Grande*.

No momento da despedida, na basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, disse-me ainda: *"Campo Grande, Campo Grande!"*. Chegamos ao Brasil no dia 15 de novembro de 1927. Passei dois anos em Corumbá e, no dia 24 de abril de 1930, fui mandado como diretor para a nova casa de Campo Grande.

Em seguida narra as passagens históricas do atual Colégio Dom Bosco, quando Dom Antonio de Almeida Lustosa emprestou o dinheiro para a compra do estabelecimento que, da noite para o dia, passou de mãos anti-clericais para a dos salesianos. Para se ter uma idéia, basta lembrar que na sua primeira visita o bispo diocesano foi recebido com vaias. E, quando foi feito o *desarmamento do internato*, recolheram-se 42 revólveres. Porcentagem consoladora, pois os internos eram 50.

Diz padre Pian que se lembrou do sonho de Dom Bosco: *Lobos, ursos, tigres... No dia 30 de abril, para começar o mês de maio, rezamos a primeira Ave-Maria. Um mês depois Dom Lustosa retornou para a bênção do quadro do Sagrado Coração de Jesus e viu tão grande mudança que chorou de comoção.*

No dia 17 de julho de 1931 ele é transferido para Silvânia como diretor, do Ginásio Anchieta. Em 1940 abre o Ateneu Dom Bosco de Goiânia de que foi o primeiro diretor. Em 1943 vamos encontrá-lo como diretor do aspirantado funcionando no Seminário de Cuiabá. Segue depois para Tupã de onde é transferido para a paróquia de São José em Campo Grande, ficando aí três anos. Volta novamente para Tupã e retorna em 1949 como vigário no colégio Dom Bosco. Em 1950 vamos encontrá-lo novamente em Tupã como catequista, retornando a Campo Grande onde permanece como vigário até 1960. Segue depois para Lucélia como professor e vigário-coadjutor até 1967. A doença o assalta e ele pede para terminar seus dias na Chácara São Vicente, onde permaneceu cuidando de um jardimzinho a que deram o nome de *Xangrilá*.

Ele costumava dizer: *Trabalho tive bastante, pão nunca me faltou, agora só espero de Dom Bosco o paraíso.*

Pode ser que alguém estranhe os termos desta carta mortuária, mas o padre Pian viveu tão contente, tão alegre, tão feliz, que não lhe cabe um epitáfio triste. Ele foi um sacerdote que se sentiu plenamente realizado. Morreu com a simplicidade e a inocência de uma criança.

Sempre nos repetia: *Nostalgia, fuori da casa mia.*

Realmente, na madrugada de 15 de outubro de 1980, passava do *Xangrilá* para o céu. Contava 81 anos de idade, 59 de profissão, 53 de sacerdócio e de missionário nesta terra, para a qual consagrou toda a sua vida.

O seu corpo foi velado na igreja do Colégio Dom Bosco. A missa de corpo presente, concelebrada por quase todos os sacerdotes de Campo Grande, foi presidida por Sua Excelência Dom Antonio Barbosa, Arcebispo Metropolitano, e ao evangelho falou o padre Antônio Secundino de Castro, um dos seus ex-alunos sacerdotes.

Não faltou a representação dos ex-alunos de Goiás, pois esteve presente o Desembargador Homero Sabino de Freitas, que, no cemitério, em nome dos seus colegas goianos, usou da palavra para se despedir do grande mestre e amigo.

Um dos aspirantes ao sacerdócio, estudante do segundo grau, proferiu palavras comoventes de despedida.

Em nome do Colégio Dom Bosco, falou a professora Carlota Maria Alencar Ennes, para ressaltar que a dedicação do padre Pian a seus alunos, marco notável do primeiro cinquentenário de vida do Colégio Dom Bosco, era um exemplo para os atuais professores de Campo Grande.

Repousa no jazigo dos salesianos, ao lado de duas dezenas de apóstolos, que, como ele, deram sua vida pelo bem da juventude brasileira.

Terminando estas poucas memórias de um grande salesiano, que bem merece uma biografia, não sei se devo pedir que rezemos por ele ou pedir-lhe que reze por nós.

Em todo o caso, sejamos pródigos em nossos sufrágios por essa bela alma e pelas vocações, para que Deus, tão generoso, envie muitos operários como ele, principalmente nesta época de tanta crise sacerdotal e religiosa.

Não deixem de rezar, porém, pelo

Pe. Raimundo C. Pombo